

**Prevalência de mulheres diagnosticadas com HIV/AIDS no Brasil: um estudo
retrospectivo de 2010 a 2019**

**Prevalence of women diagnosed with HIV/AIDS in Brazil: a retrospective study from
2010 to 2019**

**Prevalencia de mujeres diagnosticadas con HIV/AIDS en Brasil: un estudio
retrospectivo de 2010 a 2019**

Recebido: 15/07/2020 | Revisado: 04/08/2020 | Aceito: 05/08/2020 | Publicado: 13/08/2020

Gabriel Coutinho Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5960-2976>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: gabrielcoutinhoo@hotmail.com

Gabriel Gomes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1341-7505>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: silvagg94@gmail.com

Jabes Gennedyr da Cruz Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7420-7686>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: jabes.gennedyr@hotmail.com

Dennys Ramon de Melo Fernandes Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4686-4379>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: dennysfernandes@ymail.com

Jennifer Kelly Silva de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1044-9122>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: kjennifer648@gmail.com

Camila Alexandre Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3802-5233>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: camilalexandre2@gmail.com

Paulo Matheus Freitas Cavalcante

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5613-3388>

Centro Universitário Unifacisa, Brasil

E-mail: paulo_matheusfc@hotmail.com

Daniel Felipe Fernandes Paiva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4186-9856>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: dffp_1996@hotmail.com

Juliana Campos Pinheiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5687-7635>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: dennysfernandes@ymail.com

Marinina Gruska Benevides

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5656-365X>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: marinina.gruska@gmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivo avaliar através da literatura científica a prevalência de mulheres diagnosticadas com HIV/AIDS no Brasil entre os anos de 2010 a 2019. Trata-se de um estudo de natureza bibliográfica e retrospectiva, no qual foi realizada uma pesquisa nas bases de dados eletrônicas da Scielo e nos dados do sistema de informação do Ministério da Saúde utilizando os descritores “HIV/AIDS”, “sexualidade”, “gênero” e “mulher”. O número de mulheres no Brasil é superior ao de homens, correspondendo a 51,7%. No entanto, as notificações de HIV/AIDS são menores para o gênero feminino quanto comparado ao gênero masculino no país. As mulheres possuem uma probabilidade mais alta de contaminação pelo HIV, em relações heterossexuais, devido a fatores como, uma maior área de exposição da mucosa vaginal aos fluidos seminais e maior quantidade de fluidos que são transferidos do homem para a mulher no momento da relação sexual. É necessário implantar políticas públicas nas instituições para incentivar a leitura e ao conhecimento sobre poder, sexo e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, além do desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática, afim de elucidar os meios de transmissão e as formas de prevenção da doença.

Palavras-chave: HIV/AIDS; Sexualidade; Gênero; Mulher.

Abstract

This study aims to evaluate through the scientific literature the prevalence of women diagnosed with HIV/AIDS in Brazil between the years 2010 to 2019. It is a bibliographic and retrospective study, in which a research was carried out in the databases. electronic data from SciELO and data from the Ministry of Health's information system using the descriptors "HIV/AIDS", "sexuality", "gender" and "woman". The number of women in Brazil is higher than that of men, corresponding to 51.7%. However, reports of HIV/AIDS are lower for females as compared to males in the country. Women have a higher probability of HIV contamination, in heterosexual relationships, due to factors such as a greater area of exposure of the vaginal mucosa to seminal fluids and a greater amount of fluids that are transferred from men to women at the time of sexual intercourse. It is necessary to implement public policies in the institutions to encourage reading and knowledge about power, sex and the prevention of sexually transmitted diseases, in addition to the development of new research on the subject, in order to elucidate the means of transmission and ways of preventing the disease.

Keywords: HIV/AIDS; Sexuality; Genre; Woman.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo evaluar a través de la literatura científica la prevalencia de mujeres diagnosticadas con HIV/AIDS en Brasil entre los años 2010 a 2019. Es un estudio bibliográfico y retrospectivo, en el que se realizó una investigación en las bases de datos. datos electrónicos de SciELO y datos del sistema de información del Ministerio de Salud utilizando los descriptores "HIV/AIDS", "sexualidad", "género" y "mujer". El número de mujeres en Brasil es mayor que el de los hombres, lo que corresponde al 51,7%. Sin embargo, los informes de VIH / SIDA son más bajos para las mujeres en comparación con los hombres en el país. Las mujeres tienen una mayor probabilidad de contaminación por HIV, en las relaciones heterosexuales, debido a factores como una mayor área de exposición de la mucosa vaginal a fluidos seminales y una mayor cantidad de fluidos que se transfieren de hombres a mujeres en el momento de las relaciones sexuales. Es necesario implementar políticas públicas en las instituciones para fomentar la lectura y el conocimiento sobre el poder, el sexo y la prevención de enfermedades de transmisión sexual, además del desarrollo de nuevas investigaciones sobre el tema, a fin de dilucidar los medios de transmisión y las formas de prevenir.

Palabras clave: HIV/AIDS; Sexualidad; Género; Mujer.

1. Introdução

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) representa um dos maiores problemas de saúde pública da atualidade. A presença do vírus HIV e da AIDS, ocasiona diferentes reações, principalmente em relação aos aspectos psicossociais do indivíduo, gerando preconceitos e estigma pela sociedade (Gonçalves, et al, 2020; Lima, et al, 2020). A Secretaria de Vigilância em Saúde notificou cerca de 798 mil pessoas diagnosticadas com HIV/AIDS no Brasil em 2015. No ano de 2018, foram diagnosticados 43.941 novos casos de HIV e 37.161 casos de AIDS com uma taxa identificação de 17,8/100.000 habitantes, totalizando, no período de 1980 a junho de 2019, 966.058 casos detectados no Brasil (Perucchi, 2011; Fernandes, et al, 2020).

O conceito de vulnerabilidade tem como objetivo reconhecer as diferentes suscetibilidades de indivíduos e grupos populacionais, sendo levado em consideração que todo e qualquer indivíduo está exposto ao HIV e tem chances de se infectar e/ou adoecer, dependendo da sua vulnerabilidade, assim como fatores individuais, econômicos, sociais e culturais (Moreschi, 2012; Mendonça, et al, 2020). Ao longo dos últimos anos houve uma mudança no perfil epidemiológico da infecção, observando-se um crescimento dos casos de HIV/ AIDS no gênero feminino no Brasil. A vulnerabilidade de transmissão do HIV através da relação sexual em mulheres é maior devido à exposição da mesma aos fluidos seminais. No entanto, o risco dependerá da forma de contato sexual (oral, vaginal e anal) (Lima, et al, 2020).

Observa-se que o diagnóstico de HIV/AIDS e o seu tratamento fazem parte de um processo que altera o pensamento da imagem corporal, repercutindo não somente na questão da identidade, mas também vida social das mulheres e na forma como exercem sua sexualidade (Fernandes, et al, 2020). Portanto, o objetivo deste estudo é avaliar através da literatura científica a prevalência de mulheres diagnosticadas com HIV/AIDS no Brasil entre os anos de 2010 a 2019.

2. Metodologia

O presente estudo é de natureza bibliográfica e retrospectiva. Foi realizada uma pesquisa nas bases de dados eletrônicas da Scielo e nos dados do sistema de informação do Ministério da Saúde utilizando os descritores “HIV/AIDS”, “sexualidade”, “gênero” e “mulher”. Foram selecionados artigos que evidenciavam os dados referentes ao diagnóstico

de HIV/AIDS em mulheres no período de 2010 a 2019 no Brasil. Os resumos foram lidos e avaliados pelos autores, sendo categorizados como relevantes ou não para o tema de acordo com incluídos a disponibilidade do texto integral, clareza nos objetivos e metodologia.

3. Resultados e Discussão

O número de mulheres diagnosticadas com HIV/AIDS é menor quando comparada ao gênero masculino. A infecção pelo HIV é considerada uma condição crônica e controlável desde a implementação da terapia antirretroviral (TARV) e da possibilidade de monitoramento dos pacientes. Apesar dos avanços no tratamento e na qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS no Brasil, ainda há uma repercussão negativa nos níveis sociais, físicos e psicológicos (Silva, 2013; Costa, et al, 2020).

A terapia antirretroviral em portadores do HIV/AIDS pode ocasionar alterações físicas devido aos seus efeitos colaterais. Dentre essas alterações destaca-se a ocorrência da síndrome da lipodistrofia, sendo caracterizada pela presença de alterações na distribuição da gordura corporal, reduzindo o tecido adiposo subcutâneo periférico (lipoatrofia) e aumentando a gordura central (lipo-hipertrofia). Essas mudanças físicas podem ser perturbadoras, afetando a autoimagem corporal e aumentando o estigma da doença, ocasionando dificuldades na adesão ao tratamento e nas relações sociais (Fernandes, et al, 2020).

A vulnerabilidade feminina tem sido confirmada pela subordinação da mulher ao desejo masculino, sendo determinada por relações conflituosas com sua própria sexualidade, estabelecendo riscos frente às doenças sexualmente transmissíveis e ao HIV/AIDS (Costa, et al, 2020). No Brasil, os dados demonstraram uma média aproximada de 26 mil casos de HIV/AIDS notificados para as mulheres entre os anos de 2010 a 2018. No quadro 1 é possível observar que em 2019 houve uma redução de 43,1% em relação quando comparado com o ano de 2018, reduzindo de 11.130 para 4.796 casos de mulheres infectadas.

Quadro 1. Casos de HIV/AIDS notificados no SINAN.

Casos de AIDS	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Total	40.409	42.355	42.086	42.934	41.746	40.506	38.924	37.999	37.161	15.923
Homens	25.109	26.634	26.722	27.849	27.582	27.476	26.661	26.475	26.029	11.123
Mulheres	15.297	15.718	15.362	15.079	14.160	13.022	12.255	11.515	11.130	4.796
Menores de 5 anos	537	466	480	436	386	336	332	290	265	125
Entre 15 e 24 anos	3.886	4.335	4.737	4.952	5.003	5.103	4.879	4.950	4.695	2.082

Fonte: Ministério da Saúde (2020) - Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

O Quadro 2 demonstra as relações de raça/cor referentes aos casos de HIV/AIDS notificados no Brasil no período de 2010 a 2019. A raça parda, apresentou a maior média anual de 10.352 casos notificados (n= 103.512). Em segundo lugar, destacou-se a raça branca com uma média de 9.167 casos por ano, no total de 91.665 casos de notificação de diagnósticos de HIV/AIDS no Brasil. Em terceiro lugar, apresentou-se a raça preta com um total de 25.620 casos, seguida da raça amarela com 1.156 casos e a raça indígena com 802 casos.

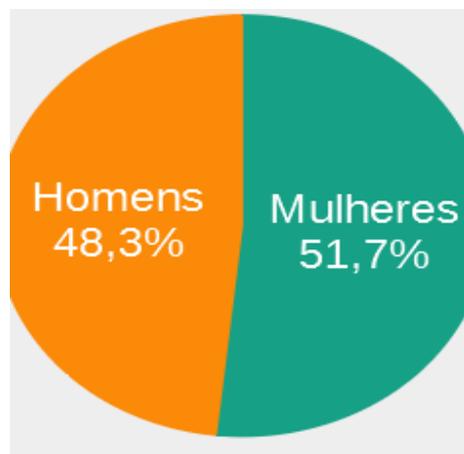
Quadro 2. Casos de HIV/AIDS notificados no SINAN, segundo raça/cor, por ano de diagnóstico.

Cor ou Raça	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Branca	13.621	14.065	13.662	13.031	11.809	10.690	9.414	8.817	7.476	2.742
Preta	3.012	3.082	3.101	3.073	2.846	2.648	2.609	2.399	2.082	768
Amarela	140	149	149	128	118	112	103	101	106	50
Parda	10.793	11.409	12.189	12.967	12.390	11.154	10.201	10.038	9.032	3.339
Indígena	104	93	105	89	74	77	82	72	73	33
Ignorada	2.421	2.559	2.219	2.361	1.990	1.596	1.439	1.204	1.180	409

Fonte: Ministério da Saúde (2020) - Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

A população brasileira é composta por 48,3% de homens e 51,7% de mulheres, conforme demonstra o Gráfico 1. No entanto, o número de homens acometidos por HIV/AIDS é maior, quando comparados com o gênero feminino. A estigmatização e o preconceito fazem parte de um sistema de desigualdade e exclusão social em relação ao HIV/AIDS, reforçando a discriminação daqueles que estão à parte dos valores culturais aceitos, vistos como transgressores. Quando somado à questão de gênero, ocorre o aumento na discriminação das mulheres, pois a realidade da maioria ainda é de desvantagem econômica, cultural e social (Fernandes, et al, 2020).

Gráfico 1. População por sexo em 2018 no Brasil.



Fonte: IBGE (2020).

As mulheres possuem uma probabilidade mais alta de contaminação pelo HIV, em relações heterossexuais, devido a fatores como, uma maior área de exposição da mucosa vaginal aos fluidos seminais e maior quantidade de fluidos que são transferidos do homem para a mulher no momento da relação sexual (Lima, et al, 2020). Contudo, além da vulnerabilidade biológica, também são observadas as questões sociais das desigualdades de gênero, no qual se observa um submissão das mulheres nas relações conjugais, facilitando a grande exposição ao HIV (Senhem,et al, 2020).

O Ministério da Saúde disponibiliza mais o preservativo masculino do que o preservativo feminino. O uso do preservativo masculino, principal foco das campanhas de sexo seguro, é mais controlado pelo homem do que pela mulher, mesmo que seu uso exija um acordo mútuo entre os parceiros. O preconceito que existe é grande, e pelo fato do HIV/AIDS estar vinculado ao âmbito da sexualidade, recaindo sobre a mulher toda uma carga de moralismo e julgamento dos seus comportamentos nas relações afetivas, a partir dos padrões

pré-estabelecidos e ditados pela sociedade (Senhem, et al, 2020). Segundo Tavares-Filho & Frota (2017) qualquer tipo de ação ou omissão baseada no gênero, que cause a morte, dano, sofrimento físico, sexual ou psicológico, tanto no âmbito público quanto no privado para as mulheres é classificado com violência.

A legislação brasileira é específica para os grupos de vulnerabilidade frente a preconceito e descriminalização, destacando as mulheres, crianças, idosos, a população LGBTQ, mulheres, os homossexuais, negros, e portadores de doenças crônicas infecciosas. Em 1989, criou-se a Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa Portadora do Vírus da AIDS. Tal registro, aprovado no Encontro Nacional de ONG que Trabalham com AIDS (ENONG), na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, destaca pontos fundamentais para os pacientes acometidos com HIV, tais como, o direito a informações específicas sobre sua condição individual; o direito à assistência e ao tratamento sem nenhuma restrição e de forma a garantir sua qualidade de vida; a garantia de que nenhum portador do vírus seja colocado em quarentena, qualquer tipo de isolamento ou forma de discriminação e que qualquer pessoa com HIV/AIDS possui o direito de sua continuidade de vida civil, sexual, afetiva e profissional. Enfatizando-se que nenhuma ação pode restringir os direitos dessa população à completa cidadania.

4. Considerações Finais

Mesmo com a grande vulnerabilidade da condição feminina nas infecções pelo HIV, verificou-se que o perfil das mulheres com o diagnóstico de HIV/AIDS no Brasil foram no total de 128.334 casos notificados de 2010 a 2019, sendo um valor menor quando comparado ao gênero masculino que exibiu uma média de 251.660 casos infectados no país. É necessário implantar políticas públicas nas instituições para incentivar a leitura e ao conhecimento sobre poder, sexo e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, além do desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática, afim de elucidar os meios de transmissão e as formas de prevenção da doença.

Referências

Fernandes, S. F., Soares, T. C. M., Almeida Neta, A. G., Gomes, J. G. N., Menezes, H. F., Rocha, C. C. T., & Silva, R. A. R. (2020). Evaluación de salud de los servicios de alta

complejidad referencia a la asistencia al HIV/SIDA. Research, Society and Development, 9(7), e608974530. doi:10.33448/rsd-v9i7.4530

Gonçalves, G. F., Cordeiro, B. C., Dias, M. M., & Messias, C. M. (2020). Permanent education in patient assistance with HIV: an integrating review. Research, Society and Development, 9(3), e70932426. doi:10.33448/rsd-v9i3.2426

IBGE. (2020). Cor ou Raça. Pesquisa Nacional por Amostragem por Domicílios. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Retrieved from <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>

Lima, D. M., Silva, A. B. P., Souza, R. R. P., Prado, N. C. C., Jales, A. K. F. A., & Silva, R. A. R. (2020). Sexually transmitted infections and the impact on vertical transmission: an integrative review. Research, Society and Development, 9(7), e632974433. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4433>

Ministério da Saúde. (2020). Indicadores e dados básicos do hiv/aids nos municípios brasileiros. Secretária de Vigilância em Saúde Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília. Retrieved from <http://indicadores.aids.gov.br/>

Moreschi, C. (2012). Mulheres e vulnerabilidades ao HIV/AIDS. Revista Saúde, 38(2):1-10. doi: 10.5902/223658345145

Perucchi, J. (2011). Psicologia e Políticas Públicas em Hiv/Aids: Algumas Reflexões. Rev. Psicologia & Sociedade, 23(1): 72-80. doi: 10.1590/S0102-71822011000400010

Silva, L. M. S. (2013). Cotidiano de mulheres após contágio pelo HIV/AIDS: subsídios norteadores da assistência de enfermagem. Texto contexto – enferm, 22(2): 335-342. doi: 10.1590/S0104-07072013000200009.

Senhem, G. D., Barreto, C. N., Ribeiro, A. C., Cogo., S. B., Badke, M. R., Costa, K. C., Barbosa, S. C., Monteiro, A. S., Bühring, J. M. K., & Scopel, M. F. (2020). Sexualidade de

adolescentes vivendo com HIV / Aids: abordagens de educação em saúde. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, 9 (7), e24973625. doi:10.33448/rsd-v9i7.3625

Tavares-Filho, R. W. A., & Frota, M. H. P. O Combate à Violência Contra Mulher, Lei Maria da Penha e o Juizado da Mulher de Fortaleza/CE. Conhecer: Debate Entre o Público e o Privado, 7(18),195-218.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Gabriel Coutinho Gonçalves– 10%

Gabriel Gomes da Silva– 10%

Jabes Gennedyr da Cruz Lima– 10%

Dennys Ramon de Melo Fernandes Almeida– 10%

Jennifer Kelly Silva de Oliveira– 10%

Camila Alexandre Silva– 10%

Paulo Matheus Freitas Cavalcante– 10%

Daniel Felipe Fernandes Paiva– 10%

Juliana Campos Pinheiro– 10%

Marinina Gruska Benevides– 10%